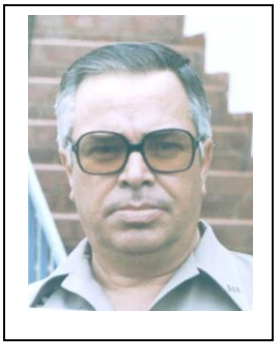
SARGENTO MAX WOLF-O HERÓI MAIOR DA FORÇA EXPEDICIONÁRIA BRASILEIRA



Cel CLÁUDIO MOREIRA BENTO

Historiador Militar e Jornalista, Presidente e Fundador da Federação de Academias de História Militar Terrestre do Brasil (FAHIMTB),do Instituto de História e Tradições do Rio Grande do Sul (IHTRGS) e da Academia Canguçuense de História (ACANDHIS) e sócio benemérito do Instituto de História e Geografia Militar e História Militar do Brasil (IGHMB) e do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) e integrou a Comissão de História do Exército do Estado- Maior do Exército 1971/1974. Presidente emérito fundador das academias Resendense e Itatiaiense de História e sócio dos Institutos Históricos de São Paulo ,Rio de Janeiro ,Rio Grande do Sul, Santa Catarina etc. Foi o 3º vice presidente do Instituto de Estudos Vale—paraibanos IEV no seu 13º Encontro em Resende e Itatiaia que coordenou o Simpósio sobre a Presença Militar no Vale do Paraíba, cujas comunicações reuniu em volumes dos quais existe exemplar no acervo da FAHIMTB doado a Academia Militar das Agulhas Negras.É Acadêmico e Presidente Emérito fundador das Academias Resende e Itatiaiense de História,sendo que da última é Presidente emérito vitalício e também Presidente de Honra.Integrou a Comissão de História do Exercito 1971-1974 e cursou a ECEME 1967/1969. E foi instrutor de História Militar na AMAN 1978-1980, onde integrou comissões a proposito dos centenários de morte do General Osório Marques do Herval e do Duque de Caxias. Este artigo foi digitalizado de seu livro A Grande Festa dos Lanceiro. Recife:UFPE, 1971 (Reportagem sobre a inauguração do Parque Histórico Marechal Mannoel Luiz Osório e providências iniciais para a inauguração do Parque Histórico Nacional dos Montes Guararapes que ocorreria em 19 de abril de 1971

Artigo digitalizado para ser colocado na Internet em Livros e Plaquetas no site da Federação de Academias de História Militar Terrestre do Brasil www.ahimtb.org.br e cópia impressa no acervo da FAHIMTB doado em Boletin a AMAN e em levantamento para integrá-lo no programa Pergamium de bibliotecas do Exército

SGT. MAX WOLFF FILHO - O HERÓI MAIOR DA FEB, NASCIDO NA ÁREA DO COMANDO MILITAR DO SUL

O Comando Militar do Sul (CMS) orgulha-se de haver nascido em Rio Negro-PR, em área hoje sob sua jurisdição e na 5a RM/5a DE do heróico Sargento Max Wolff Filho, considerado o Herói Maior da Força Expedicionária Brasileira e que tombou heroicamente em ação em 12 Abr. 1945, na batalha para a conquista de Montese.

Eis o que ele escreveu em Jul./Out. 1994 na **Revista do Exército**, v. 131, Carlos Henrique Curado e que reproduzimos com complementos em **68 Sargentos heróis da FEB mortos em operações de Guerra** (Itatiaia, Centro de Recuperação de Itatiaia, Centro Sargento Max Wolff), obra que focaliza os 68 sargentos mortos na FEB, atendendo a solicitação do Ten. Cel. Sérgio W. Etchegoyen, comandante da CIALS-Sul em Cruz Alta-RS, para ali reverenciá-los das mais variadas formas.

Max Wolff Filho nasceu no dia 29 de Julho de 1911, filho do casal Max Wolff e Etelvina Pacheco. Muito jovem ainda, com apenas 8 (oito) anos de idade, passava Wolff a ser o principal auxiliar da torrefação de café de seu pai. Aos dezesseis anos, passou a trabalhar como escriturário numa companhia que explorava a navegação no rio Iguaçu, mas dentro do seu já exigente senso de colaboração, quando tinha folga, integrava-se aos carregadores para ensacar erva-mate, carregar e descarregar vapores. Nota-se aí o seu espírito trabalhador.

O heróico patrício serviu no então 15° Batalhão de Caçadores em Curitiba-PR, onde prestou o serviço militar inicial e posteriormente foi integrante da Polícia Militar do Rio de Janeiro.

Na época da convocação para a 2ª Grande Guerra, apresentou-se voluntariamente para seguir com a FEB na graduação de 3° Sargento. Foi designado para a 1ª Companhia 1° Batalhão do tradicional 11° RI, de São João Del Rei-MG.

Pela sua bravura, competência militar e disciplina, era muito popular e querido, não somente entre seus camaradas, como em todo o V Exército dos Estados Unidos, que enquadrava a Força Expedicionária Brasileira, merecendo consagradas reportagens de vários correspondentes de guerra.

"Ressalte-se, ainda, que todas as vezes em que se apresentavam missões difíceis a serem cumpridas, o Sgt. Wolff sempre se declarava voluntário. Dentre as várias missões de controle realizadas pelo bravo Wolff, destaca-se aquela em que, num gesto de abnegação e de destemor, se apresentou ao comandante de sua Unidade para constituir a patrulha incumbida de reconduzir às linhas amigas o Cap. João Tarcísio Bueno, gravemente ferido em ação, em local perigoso, facilmente batido por fogos das posições

alemãs. Apesar da escuridão e no nevoeiro, seguiu com sua patrulha para a "terra de ninguém" e conseguiu com dificuldade, carregar os feridos para as nossas linhas. A sua invariável conduta heróica, grande intrepidez e elevado espírito ofensivo foram reconhecidos com as Medalhas de Campanha, Sangue do Brasil, Medalha Americana "Bronze Star" e a Cruz de combate de 1ª Classe.

Os anais da FEB guardam numerosas citações da relevante atuação de Max Wolff nos combates em que participou. A morte o colheu durante arriscada missão de sua patrulha nas proximidades de Maserno, mais precisamente na Batalha de Montese, ao avançar por uma encosta em ação de reconhecimento, seu vigoroso peito foi cortado pela famosa metralhadora "Lurdinha". Pereceu cm combate, a 12 Abr. 1945, o herói Wolff, sendo promovido "post-mortem" ao posto de 2º Tenente., por decreto do Governo da República, datado de 8 de |unho de 1945.

Max Wolff, apelidado no 11° RI de "**Carinhoso",** por causa da sólida blandícia que colocava na voz quando tratava com seus subordinado, deixou na orfandade sua filha Hilda, seu enlevo e maior afeição de sua vida de soldado. Da Itália Wolf escreveu para sua Irmã Dona Isabel, relatando que estava orgulhoso em pertencer ao Exército Brasileiro e que, se a morte o visitasse, morreria com satisfação.

Em fase das diversas demonstrações de coragem, disciplina, ação de comando, noção de cumprimento do dever e principalmente patriotismo, o nome do Sgt. Wolff é hoje emprestado a Círculos Militares, Grêmios, Turmas de Formação e até pavilhões internos de aquartelamentos. Tornou-se para as praças do Exército Brasileiro um exemplo e motivo de orgulho.

Atualmente, existe no centro de Rio Negro - Paraná, sua cidade natal, uma praça com o nome de Sargento Wolff. Nesse logradouro, anualmente, é feita uma formatura com todo efetivo do 52ºRegimento de Carros de Combate, com o intuito de homenagear o herói em destaque e os demais "Pracinhas" da FEB".

O Gen. Otávio Costa, então Tenente . do 11° RI, que assistiu ao Sgt. Wolff tombar em ação, dedicou-lhe expressivas referências nas obras de sua autoria:

-Trinta anos depois da volta (Rio, de Janeiro :BIBLIEx, 1975);

-Acerca dos homens **Revista Militar Brasileira** nº. Especial a FEB 1973. Neste artigo assim descreveu a morte do Sgt. Wolff:

"Em nossa frente, o ponto cotado 747 era o Acidente Capital. Sobre ele marcharia o nosso pelotão especializado nas ações depatrulha, a quese dera o comando de um sargento que a liderança no combate credenciara às funções de oficial.Estivemos com o Sgt. Wolff até quanto partiu. Foi-lhe dito que o silêncio brandava a poupança da munição e que, na hora precisa, os nazistas lá estariam se opondo à nossa vontade. Aconselhou-se a que se precavesse, pois o reconhecimento seria à luz do dia. Em vão! Penso que se convencera da tese de que se defrontava com o nada, que o alemão sagaz já estava longe.

Fui vê-lo progredindo, em pé, desassombradamente, à frente de seus homens, com duas fitas de munição trançadas sobre os ombros, numa cruz exótica, cujo reluzir o denunciava ao mundo dos outros.Ei-lo alcançar o terço superior da elevação, em cujo topo havia a Casa de Lépore, cenário de tantos dramas outros de que fora ele mesmo herói só. Até ali o terreno era coberto pela vegetação. Uma cerca, depois chão limpo, arado e fofo.Vi-o deixar os companheiros no aconchego da vegetação, transpor a cerca de nosso mundo e buscar os altos. Deixaram que chegasse bem perto e até quando não podiam mais errar. A luzidia munição a entrecruzar-se no peito. A saraivada! A cruz no peito! O bravo paraense caiu por sobre o ventre descosido. Aquela cerca não separava apenas as idéias dos homens, senão porque o próprio mundo dos homens.Depois, foi doidice santa de

seus liderados para tentar trazê-lo de volta. A rajada da metralha rasgava um alarido de sangue. Tudo o que estava há muito tempo calado, no chão revivescia ao chamamento da morte.

A patrulha firmava a metralhadora junto à cerca, tentando calar a arma que abatera o líder. Dois homens rastejavam puxando o corpo pelas pernas. Um deles ali ficou, colado ao chão que o prendera. Vejo o outro. Viram que Wolf eslava morlo, junto à cerca. E outros estavam morrendo. Um pracinha esquálido e ousado fez-se emergir de junto à cerca grandalhona de Wolff. E, ziguezaguiando grogue por entre o pespontado de balas, no chão exausto, se fizeram jazer na bem-avenlurança que a primeira cratera dadivosa lhes oferecia. Ali mesmo, bem perto da cerca, morto e vivo se confundiam.

Examinou o herói, ajeitou-lhe o uniforme, colocou-lhe o capacete, acomodou-o na cova irmã. Começou, então, o imenso rastear de volta, da avidez de quem busca vida. Do observatório, ajudava-se o difícil retorno da patrulha, dando olhos à nossa artilharia para cegar os outros olhos, com os nossos fogos fumígenos e de neutralização.Inútil a peregrinação da noite dos padioleiros para encontrar o Wolff. Os homens do batalhão do Onze de Minas Gerais queriam de qualquer forma buscar o companheiro pertinho de sua cerca e do mundo de ninguém.

Queriam buscar o paranaense que passara o nosso batismo de fogo, na noite distante de nosso pânico, carregando munição para as posições avançadas e retornando com os feridos.Queriam trazer o homem que, após todo o ataque fracassado, não descansava enquanto não houvesse volta, primeiro para os feridos e, se possível, para os mortos.Queriam trazer o paciente artesão da tramas e armadilhas da vida e da morte das patrulhas no frio no inverno todo.Impossível trazê-lo agora! Amanhã era a largada da grande ofensiva da primavera e o nosso dever, arrancar Montese. O Sargento Wolff lá ficara para que estivéssemos presentes na hora da decisão."

O Gen. Delmiro P. de Andrade assim registrou a morte heróica do Sgt. Wolff em sua obra: O 11ª RI na 2ª Guerra Mundial. (Rio de Janeiro: BIBLIEx, 1950).

Um dos pontos mais importantes naquele momento na frente do !º Batalhão era o ponto cotado 747, pelo que foi lançado um reconhecimento do valor de 15 (quinze) homens do Pelotão Especial, sob o comando do Sgt. Max Wolff Filho. Partiu às 12:00 h de Monteforte, passou por 732 e foi a Moraiani, de onde saiu às 13:10 para abordar 747.

Tomou todas as precauções para a execução do plano concebido pelo chefe dessa pequena tropa de bravos, conseguindo aproximar-se muito das casas, tentando envolver o casario pelo Norte.

Estavam a 20 m, mais ou menos, e o elemento da esquerda era guiado pelo seu comandante Sgt. Wolff que, abandonando o caminho, entrou no terreno para , dessassombradamente, abordar o casario pela esquerda. As 13:15 o inimigo deu uma rajada do ângulo de uma das casas, ferindo gravemente o comandante do reconhecimento que, tombando, recebeu nova rajada de arma automática partida do mesmo ponto, tendo também caído mortalmente ferido o soldado que marchava mais próximo daquele."

E prossegue mais adiante o autor *e* testemunha:

Os nossos morteiros e a nossa artilharia não se fizeram esperar neutralizando os fogos inimigos, e, somente com essai iintervenção, o segundo sargento Newton

José Faria e soldados Antônio Sá Rodrigues, Florival Alves Pereira, Benedito Vitalino e Aniceto Cavassane avançaram para 74' para remover os corpos do sargento Wolff e do soldado Alfredo Estevão da Silva. Florival conduzia o corpo de

Estevão, enquanto que sargento Faria e soldado Antônio procuravam aproximar-se do corpo, puxando-o pelas pernas sob a proteção dos fogos de dois outros soldados. O inimigo continuava a atirar de morteiro e fuzil e depois de artilharia vindo de Montespecchio e Monte Maiolo. Arrastando o corpo do Sgt. Wolff foram feridos o sargento Faria e soldado Antônio Sá Rodrigues, pelo que não poderam continuar a conduzi-lo.

Nessas ações teve o 1º Batalhão as seguintes perdas: o Sgt. Wolff e dois soldados mortos; um sargento e um soldado ferido e dois soldados acidentados em ação.

O 2° Sgt. Max Wolff Filho, que comaidou o reconhecimento ao ponto 747, tombou mortalmente ferido pelas balas alemãs quando à testa de sua fração, desapareceu como um herói. Seu nome será sempre presente porque as grandes ações resistem ao tempo e duram a eternidade. E a sua figura apareceiá sempre agigantada na admiração de todos."

Citações de combate do Sgt. Wolff

Em 13-XII-44:***"Num gesto abnegado de destemor, estas praças se apresentaram voluntariamente ao Comandante de Sua Unidade para constituir a pitrulha incumbida de reconduzir as nossas linhas o Capitão João Tarcísio Bueno, gravemente ferido em ação, em local perigoso, facilmente abatidos pelos fogos das posições Alemãs - Bem sabiam os perigos de que se revestia a sua missão - Partiram, mais não jn possível localizar o oficial ferido, por causa da forte cerração e da escuridão da noite, trazendo de regresso dois feridos - E outro exemplo que quero apontar aos meus comandados - Dentre essas praças desejo destacar o desassombro de 3° Sargento Wolff, que todas as vezes que se apresenta uma missão perigosa, principalmente de patrulha, espontaneamente se oferece para fazer parte dela - Registro com satisfação essa particularidade do sargento Woljf pela qual revela possuir noção perfeita de dever militar".***

Em 7-III-945:***"As ligações eram indispensáveis. A perfeita 1ª Companhia do 11°ocupara no dia anterior as atuaisposições, depois de atravessar terrenos inteiramente desconhecido e largamente minado - Na madrugada de 7, partiram as linhas telefônicas -pariguiadas e protege-la, partiram ajrente da Tuma o sargento Wolff, o caboTkgoeosoldadoJoséBerberim-quesãooutrostantosexemplos apontar à tropa brasileira - Revela notar que o sargento Wolff e a segunda citação que tenho o prazer de registrar,por ato meritóriopraticadoem combate".***

Hoje o Sargento Wolff é denominação histórica do 20° BIMtz de Curitiba antigo 15° BC onde ingressara no Exército, e do Centro Sargento Max Wolff em Itatiaia-RJ.

Denominações dadas pelo Exmo. Sr. Ministro do Exército Gen. Ex. Zenildo Zoroastro de Lucena, como uma forma de homenagear todos os sargentos do Exército, que se constituem elo entre o Comando e a tropa. Com o apoio na interpretação de dados constantes de recente pesquisa existente no CRI do Sr. Cel. R/I Artilharia Erasmo Dias Barreto conclui-se:

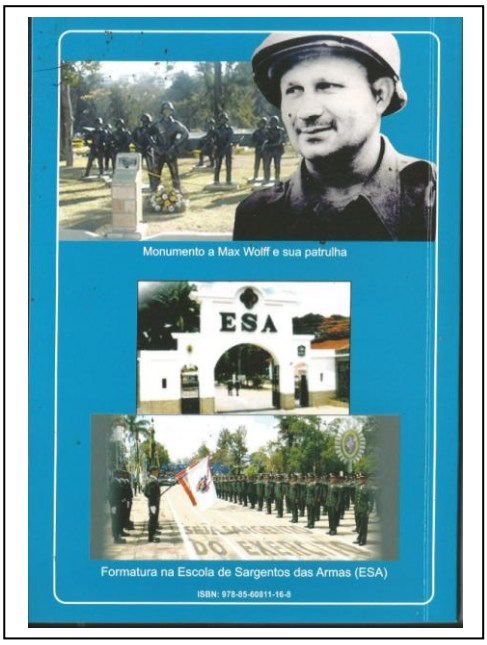
"O herói Max Wolff descendia de alemãspelo pai. Sua mãe D. Elvira era menina natural da lapa, onde em 1894padeceu os rigores do sítio e testemunhou os efeitos dos Heróis da Lapa sob a liderança de Gomes Carneiro. Estas histórias de heroísmo contadas pela mãe, incendiavam sua cabeça de menino e adolescente. Dos la4 anos de idade viveu as tensões da guerra do Contestado testemunhando a

movimentação das tropas do governo em Rio Negro. Max Wolff ingressou na escola em Rio Negro em 1916 durante ale Guerra Mundial Em 1922 em São Mateus do Sul, aos 11 anos, trabalhou na torrefação e moagem de caje dopai, por pouco, não foi vítima de acidentefatal de trabalho. Em 1927aos 16 anos quase foi vitimadofatalmente sob a roda de um vapor no Rio Negro do qual era escriturário.Aí num gesto de solidariedade a um amigo agredidopor dois comparsas terminou sendo baleado pelas costas por policial que interviu no incidente, incorporou no atual 20° BIMtz - Batalhão Max Wolff. Nele, como praça, ajudou a vitória da Revolução de 30 no Paraná. Transferido para o Rio combateu a Revolução de 32 no Vale do Paraíba. Terminada esta dedicou-se no Rio a ser professor de Educação Física e Defesa Pessoal. A seguir ingressou na Polícia do então Distrito Federal, cabendo-lhe afunção do comandante de Polida de Vigilando. Dai ingressou na FEB como 3°sgt. aos 33 anos. Na Itália se apresentou voluntário e coube-lhe o comando de pelotão Especial destinado a patrulhas de reconhecimento em situações excepcionalmente perigosas. E foi a frente deste Pelotão, depois de inúmeros e heróicos feitos, que tombou nas circunstândasque descrevemos. Seus restos mortais encontram-se no Monumento aos Mortos da 2ª Guerra Mundial no jazigo 32, quadra G por sinal muito visitado.

O 11° RI tem origem no 28º BI de Rio Pardo-RS, que em 28 Nov. 1893 foi sitiado e capturado no sítio de Rio Negro, em Hulha Negra atual, e obrigado a combater por algum tempo como revolucionário federalista, com o nome de Ernesto Paiva. O comandava na ocasião o Cel. Donaciano Pantoja que firmou a Ata de capitulação em Rio Negro que previa garantia de vida aos rendidos e que foi desrespeitada com a degola, segundo a História e a Tradição, de cerca de 300 civis que constituíam a Cavalaria Patriota a disposição do Mar. Isidoro Oliveira Fernandes, evento abord na **História da 3° RM** volume 2.

HISTORICO DESTA MATÉRIA: Quando Comandante das CIAS SUL em Cruz Alta , o seu comandante Cel Sérgio Westphalen Etchegoyen, encarregado de a instalar nos procurou em Resende, nos solicitando que elaborassemos pesquisa sobre Sargentos do Exército que se consagraram como heróis ,pois necessitava desta informações para os homenagear e os apontar como exemplos. E na urgência que ele necessitava sugeriamos que poderiamos realizar trabalho sobre os sargentos heróis da FEB. Pois muitos sargentos heróis haviam atingido o generalato como os disponíveis em Livros e Plaquetas o site da FAHIMTB www.ahimtb.org.br a Generais Julião Serra Martins e José Leovigildo Paiva.E então desenvolvemos a pesquisa Os 68 Sargentos Herois da FEB mortos em Operações du Guerra e editado p Centro Sargento Max Wolff de Itatiaia e remetemos uma via para as CIAS-Sul e outra entregamos pessoalmente a EsSA em visita que lá realizamos a convite. E nela abordavamos com destaque o Sargento Max Wolf Filho. Em 1995 ao escrevermos :Comando Militar do Sul,quatro decadas de História 1953-1995 e Antecedentes desenvolvemos a História de Max Wolf conforme a apresentamos e a p.259-265.em 2011, no Centenário de Max Wolff, com o patrocinio da FHE-POUPEx produzimos a plaqueta Os 60 Sargentos da FEB, mortos em Operações de Guerra, com abas do Gen Div Sérgio Westphalen Etchegoyen e Apresentação de seu Comandante Gen Bda Fenando Vasconcellos Pereira.Plaqueta lançada na ESA, no contexto da Comerações de Centenário de Max Wolff Filho e sob a égide da Academia de História Militar Terrestre do Brasil.A seguir as capas do livros onde publicamos a saga heóica do herói maior da FEB

FAHIMTB
BRASIL
FEB
OS 68 SARGENTOS
HERÓIS DA FEB, MORTOS
EM OPERAÇÕES DE GUERRA
"Aquele que morre por sua pátria serve-a mais em um só dia que os demais em toda a vida." (Péricles)
Cel. CLÁUDIO MOREIRA BENTO
PROJETO HISTÓRIA DO EXÉRCITO NO RIO GRANDE DO SUL
CMS
COMANDO MILITAR DO SUL
(QUATRO DÉCADAS DE HISTÓRIA)
1953 - 1995 E ANTECEDENTES
CLAUDIO MOREIRA BENTO



A 4ª capa da plaqueta Os 68 Sargento Heróis da FEB mortos em Operações de Guerra,destacando a foto do herói maior e sua patrulha,o Portão Monumental da ESA que tem por denominação histórica, como ato de justiça na voz da História do Exército de Sargento Max Wolf Filhó e, foto de uma formatura de Sargentos. Na 1ª capa foto do Cemitério de Pistóia onde foi sepultado o herói e o Monumento aos Mortos da 2ª Guerra Mundial, onde repousa o herói maior da FEB.Estivemos em 5 ocasiões na ESA, a convite, sendo duas para inaugurar o Curso de História Militar da EsA , a 4ª para palestra sobre o General Osório em seu Bicentenário e a 5ª para lançar a citada